

# **Incursões na vida fantasmática: a transferência<sup>1</sup>**

Paulo Fernando Monteiro Ferraz<sup>2</sup>

*“E toda palavra, então, é de fuga, precipita a fuga, ordena todas as coisas para a confusão da fuga, palavra que na verdade não fala, mas foge daquele que fala e o leva a fugir mais depressa do que está fugindo”.*

(Maurice Blanchot)

Durante a análise, espera-se que o inconsciente do analista conecte-se ao do analisando por meio de toda a pletora de sinestésias, mas principalmente a da escuta. As histórias de um e de outro convergem em um espaço em que as fantasias e grande parte da arqueologia associada ao desenvolvimento da personalidade são revitalizadas pelos gestos e pelas palavras. É aí, nessa dobra que abarca as dimen-

---

1 O artigo nasceu a partir da leitura do texto de 1912, *A dinâmica da transferência*, de Sigmund Freud.

2 Psicanalista em formação no CEPdePA. Psicólogo clínico. Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (ex-bolsista da Capes). Especialista em psicoterapia psicanalítica (Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica – ESIPP). Foi coordenador do curso de Psicologia da Faculdade FACTUM. Professor dos cursos de graduação em Psicologia e Enfermagem, de especialização, de extensão e dos cursos técnicos na Faculdade FACTUM. Foi um dos fundadores do curso de Psicologia na Faculdade FACTUM. Coordenador do Núcleo de Atendimento e Desenvolvimento de Ensino (NADE) da Faculdade FACTUM. Foi coordenador da Comissão Permanente de Avaliação (CPA) da Faculdade FACTUM. É coordenador da Oficina de produção psicanalítica e literária na Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul (SPRGS). Membro efetivo da Academia de Letras do Brasil (ALB). Membro efetivo da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves. Membro da Academia de Letras dos municípios do Rio Grande do Sul (ALMURS). Atende em consultório privado.

sões do Real, do Simbólico e do Imaginário, que a fantasmagoria das vivências infantis é invocada e vem tentar ganhar voz, textura, densidade e polissemia. As derivações do inconsciente vêm disfarçadas e, amiúde, antecedem às próteses da linguagem.

Há abismos entre as ideias e os afetos que conduzem à origem mítica e ficcional do sujeito. O que se repete, na lógica automática e circular do idêntico, nem sempre é passível de ser representado ou de ser encarnado pela força centrípeta da recordação que leva, na melhor das hipóteses, à elaboração e à desalienação. Quando há o germe da investigação pelo diferente, em meio ao ramerrão de pauperante das repetições, a alteridade insiste em florescer. Surge aí a eclosão de pequenas epifanias, ou seja, mudanças nos *status* psíquicos bidimensionais, achatados, planos e homogêneos para os tridimensionais e heteróclitos, que trazem, no cerne, outras perspectivas e profundidades. O *setting*, esse espaço de sonho e de criação de destinos mais generosos aos conflitos, é o lugar em que o estranho tende a retornar à pátria, o desgarrado a encontrar o empuxo da alteridade e o inominado a se alfabetizar acerca do idioma de sua dor.

Na sessão – que é a alfândega e o passaporte para que a sexualidade infantil possa receber a cidadania do desejo – as membranas entre as temporalidades convertem-se em algo poroso e não respeitam nem o vetor progressivo já conhecido, nem os paradigmas universalmente aceitos da Física: inclinam-se a se espiralar, a se justapor, a se emendar, a se confundir e a se volatilizar. Passado, presente e futuro infiltram-se entre si e são potências que cifram as glórias e as misérias que compõem os episódios lastreados pelos investimentos eróticos do sujeito. Tudo o que ele foi e será se avulta e se insinua no agora, simulado, restaurado e encenado com o analista. Quem é o analisando? Que aura discursiva reveste e legitima a sua identidade? Do que é feito o seu interior? Que partes desunidas buscam o afamado reencontro? Ele suporta o estrangeiro, o duplo em si? Como foi o grau zero do encontro da pulsão com os objetos primários ou com os agentes das ações específicas? Quais os *umbigos* de suas peripécias pessoais? Que tragédias filogenéticas e ontogenéticas o povoam? Em que *hybris* ou *hamartia* incorreu? Que papel ocupa na família e nas epopeias cotidianas? Há mandatos ou sentenças que provocam mais vezes do que fortunas nas escolhas

que o constituíram? Qual titularidade recebeu? Que segredos transgeracionais o influenciam? Como se vincula aos demais? Quais qualidades derivam daí? Do que padece? O que anseia e ambiciona? Como se expressa? A metáfora desliza ou se oblitera em estéticas concretas e brutas de pensamento? Que tabus o restringem? Como dramaturgo das próprias vicissitudes, que tramas são inventadas em seu teatro privado? E as distorções na visão de mundo, como o afetam? Que sistemas, teorias e especulações intenta confirmar na realidade (interna ou externa)? O que não se autoriza a evocar ou a sentir? Que lembranças o atormentam? Algo o anestesia, o narcotiza? Que traumas o compelem a repetir o que ainda não se cansou de suplicar por nome ou continente? O que apequena a sua existência, enfim? No jogo esfíngico das charadas inconscientes lançadas em profusão, nós – os herdeiros de Édipo e dos inúmeros xiboletes – nos curvaremos diante das devorantes faltas, que triunfarão e recairão, na análise, sobre cada um. Nas palavras de Maurice Blanchot:

Por um instante transformado em pura possibilidade, o estado de coisas não volta ao que era. O Sim categórico não pode devolver aquilo que por um momento foi apenas possível; bem mais, ele nos tira a dádiva e a riqueza da possibilidade, pois agora afirma o ser daquilo que é, mas como o afirma em resposta, é indiretamente e de maneira apenas mediata que ele o afirma. Assim, no Sim da resposta, perdemos o dado direto, imediato, e perdemos a abertura, a riqueza da possibilidade. A resposta é a desgraça da questão (BLANCHOT, 2001, p. 43).

As respostas serão provisórias, movediças, fugidias, quebradiças e servirão de adubo para outras interrogações vicejarem. A falta mantém viva a curiosidade seminal, heurística e epistemológica do analista *flâneur*.

Nos interstícios dos discursos que aludem aos pontos de maior tensão, nasce a possibilidade de se instalar a diferença nas mesmices empobrecedoras que imperram. Se pudéssemos nos encontrar com uma espécie de matriz do inconsciente, o que nos seria confiado? Algo assim: *eu sou o indefnido, o furor enigmático e latente nos homens e nas mulheres. Quero ser um e todos em tempos e conjugações avessos às*

*supostas lógicas. O sonho é, dentre tantas outras, a chave de alguns de meus domínios. Na aurora, no meio-dia, no crepúsculo, eu te fiz: sou você e senhor de todos os demais que engatinham e, depois, andam ou se arrastam até o único destino possível e ausente de representação – a morte. O primeiro homem não foi Adão: a origem está em Édipo. Derivamos dessa linhagem. Não há como escapar. Sem que suspeitasse, Sófocles escreveu algo semelhante à Bíblia. Sonhei a cada um e continuo a fazê-lo, independente das tentativas de colonizações com os verbos opacos das múltiplas linguagens que criei. Estou fadado a ser um rascunho. Não há obra que me complete. Sou muitos e ninguém – traços pálidos de um mistério insolúvel.*

No cateados por ideais que, por motivos obscuros, foram canonizados e, agora, o escravizam, o analisando quer e não quer (em função da resistência e das defesas) fruições opostas às conhecidas – talvez mais sofisticadas, plásticas e criativas. No entanto, há lucros com o arranjo dos sintomas: suas emanções e manifestações inconscientes são formas degeneradas de prazer estabelecidas entre as instâncias e as pulsões. O psiquismo sempre terá de encontrar uma via, facilitada ou colateral, de aliviar as tensões e de chegar a uma espécie de débil homeostase. No entanto, a falta vulcânica que nos trespassa sempre ocasionará novas erupções. Os sintomas irmanam-se à biografia: legam os segredos e os vestígios das histórias irresolutas dos pais, são sucessores dos traumas, do desamparo e do desespero diante das urgências mundanas; têm um enredo cheio de nós, aporias e contradições à procura de desenlaces plausíveis.

Os analisandos, por meio da transferência, atuam, reeditam e inventam conosco as experiências marcantes ou insignificantes oriundas da infância – sejam elas as sensações esmagadoras das decepções, dos lutos ou até mesmo das exultações saboreadas com culpa pelos desejos incestuosos, matricidas, parricidas ou fraticidas. Reproduzem os clichês internalizados pelo convívio com os objetos que lhes foram importantes há um preço que ainda não intuem como pagaram. Mergulhados em silêncios, corroídos pelas inúmeras transgressões, apatetados por contextos áridos que os embruteceram, eles buscam transformações de um estado de humor para outro através da mortífera repetição e das insuficientes defesas. Cada um de nós aviva com os atos o familiar, que adquire um quê de inusitado à medida que é analisado.

A transferência explora as disposições inatas ou constitucionais, assim como as influências e os acidentes dos primeiros anos que construíram a vida erótica do sujeito. É o palco e o meio pelo qual o trabalho analítico se desenrola. Nela, o inexpugnável modela contornos e aflui pelas possíveis narrativas feitas em conjunto. As experiências recentes não modificarão a natureza dos objetos amorosos da infância e nem as suas inscrições, mas, mesmo assim, a análise pode ser um recurso de atenuar angústias e de aflorar a esperança. Os estereótipos – as reincidências do curso dos primeiros anos – anunciam como o sujeito se tornou o que é. A libido se liga ou evoca tais protótipos que podem ser reflexos ou espectros das arraigadas séries psíquicas. Alguns impulsos atingiram a “maturidade”; outros, no decorrer do desenvolvimento anímico, ficaram retidos ou deformados e, logo, impedidos de migrar à consciência.

Na transferência, a libido regride e anima as imagos infantis. O tratamento tenta libertar a libido que ficou aprisionada ou desligada, tornando-a menos saturada de impulsos destrutivos ou mais adaptada, através de pactos e negociações, ao princípio de realidade. Depois de inúmeras intervenções, quando nos aproximamos do complexo patogênico, do núcleo imantado pelos conflitos, o inconsciente atrai para si o conteúdo em questão e disfarça-o, encapsula-o, tira-o do liame de associações. A análise pode se parecer, às vezes, ao suplício de Sísifo, quando a resistência vem à tona por intermédio de seu veículo fundamental, a transferência.

A resistência, constante na análise, orbita em torno dos demais fenômenos que se ramificam na clínica. Não há como eliminá-la de todo. É o atrito essencial, motor de metamorfoses, e o emblema da conciliação entre as potências que lutam em prol do restabelecimento vital e as que se opõem a ele.

Aliar-se ao Eu em busca do inconsciente é o que ocorre na transferência positiva, que estreita o vínculo entre o paciente, favorecendo o arejamento das associações e o aprofundamento dos conteúdos manifestos. Para ele, o analista representa um objeto amistoso, acolhedor, amoroso e compreensivo. A confiança e o apego vigoram e, com isso, as censuras se afrouxam momentaneamente. Em contrapartida, as oscilações e inconstâncias desaguam na transferência negativa como elementos de protesto à sustentação das melhoras conquistadas. A hos-

tilidade dirigida ao analista, apesar de ser uma qualidade e forma de vínculo, frequentemente *emperra* o processo de associação livre, debilita a escuta e, por conseguinte, a atenção flutuante perde a tenacidade. Trata-se de um desligamento, de um aspecto contraproducente que pode ter sido estimulado pelos pontos cegos e impasses que foram minando sorrateiramente a análise e que culminaram na reação terapêutica negativa. A agressividade é essencial, mas, quando ela se torna munição para destruir o elo e não para solidificá-lo, temos de lidar com a iminência da interrupção do tratamento. O analisando, pelas cisões nele ocultadas, faz emergir um *oponente*, o duplo que goza com a ruína e com a desintegração. Entender o apelo colocado em cena, o que está em xeque nas figurações dos conflitos, acaba sendo um modo de promover a mudança de papel e de retomar a sintonia pautada na abstinência e na assimetria relacional. Para tanto, faz-se necessário lançar um olhar crítico – através da análise pessoal, da supervisão e de novos estudos – aos acordos, conluios e formações de compromisso inconscientes que estão atravancando a análise, que é feita de avanços e recuos incessantes. Quando a palavra ganha espaço, consistência e espessura lexical no jogo de dizer-desdizer-redizer-editar-reeditar, o analisando tem a chance, mesmo que passageira e ilusória, de assenhorear-se um pouco mais de sua própria *casa*. E, por fim:

Evoquemos por um instante a Esfinge como questão, o homem como resposta. O ser que questiona é necessariamente ambíguo: é a própria ambiguidade que questiona. O homem, quando se interroga, sente-se interrogado por algo inumano, e se sente às voltas com algo que não interroga. Édipo, diante da Esfinge, é, à primeira vista, o homem diante do não-homem, ele já está diante de si mesmo. Será a questão sem seriedade apoiada pela seriedade do que está em jogo, a questão mais profunda? Em todo caso, uma profunda questão. A questão profunda é o homem como Esfinge, a parte perigosa, inumana e sagrada, que imobiliza e mantém imobilizado diante dela, no face a face de um instante, o homem que, com simplicidade e autossuficiência, diz-se simplesmente homem. A resposta de Édipo não é apenas uma resposta. É a própria questão, mas que mudou

de sentido. Quando a Esfinge fala, na linguagem leviana e perigosa que é a dela, é para dar voz à questão mais profunda, e quando Édipo responde, dizendo com segurança a palavra única que convém, é para opor-lhe o homem enquanto ‘questão de tudo’. Memorável confronto da questão profunda e da questão de conjunto (BLANCHOT, 2001, p. 49-50).

## REFERÊNCIAS

BLANCHOT, M. **A conversa infinita 1: a palavra plural**. São Paulo: Escuta, 2001.

FREUD, S. (1912). A dinâmica da transferência. *In*: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 133-146. (Obras completas, 10).